

Cláudia Andrade

Autora vencedora do Prémio SPA 2020
para melhor livro de ficção narrativa

ELSINORE



O SANTO ILUSIONISTA

Foi esse o momento em que me fartei de vez. Pode parecer um instante arbitrário no tempo por toda a minha vida se constituir de dias, semanas e até meses inteiros tão piores, mas a calamidade tem isso de engraçado: quando é de tal forma absoluta que não nos permite concentrar em mais nada, suportamo-la sem pestanejar, porque questionar nem que seja o melhor ângulo para dar um tiro nos miolos exige energia que não conseguimos produzir. Precisamos de um minuto recostados, ainda que de encontro à pilha de merda debaixo da qual acabamos de rastejar, para podermos experimentar sem anestesia toda a indignação devida à indignidade, e fartar-nos de vez.

Nessa manhã, eu tinha então acordado bem dormido, numa cama pela primeira vez em muito tempo. Tinha urinado e defecado profusamente numa sanita imaculada, e assomado do bidé impoluto como um santo. A minha mente e o meu corpo congratulavam-se mutuamente por essa grande sorte repartida, mas enquanto este se extasiava de fantasias, aquela, alerta, superiormente sensata e capaz, avisava-o de que para preservar essa boa sina deveriam ir-se, imediatamente, dali para fora. Vamos, e assim fortes como nos sentimos começaremos uma vida nova, mais sábia, mais higiénica. Só que o meu corpo sempre foi burguês, e enquanto se achasse lânguido e satisfeito, estava-se nas tintas para outras considerações. Tudo o que lhe importava era não largar a

bem o osso a que tinha deitado o dente. Vamos lá, repetia a mente, temos de bazar antes que o gajo se lembre de chegar, e se nos vê aqui, acerta-nos umas lambadas, ou pior. E o corpo a ignorá-la, seduzido pela cerâmica colorida da kitchenette, cativo da maciez acetinada dos cortinados duplos, inclinando-se defraudado para o interior vazio do frigorífico, mas logo procurando outro interesse, e encontrando-o sob a forma do comando da televisão.

Estava a dar o CSI. Devo esclarecer que os olhos, longe da tradicional empresa de me espelhar a alma, assistem-me como impassíveis funcionários, a quem me cabe informar sobre a proximidade do prazer, no qual possa refastelar-me, ou da dor, da qual normalmente fujo a sete pés. Esta especialização e falta de interdisciplinaridade, esta diligência inepta e caprichosa, não lhes são exclusivas, já que posso dizer o mesmo de cada bocadinho sortido de mim, do pâncreas ao astrágalo. Mas, nos olhos, dado o seu poder accidental nos meandros da burocracia biológica, a ineficácia facilmente se torna letal. A mente a enervar-se ao guichê: vais-te fazer matar, meu grande cabrão, e depois retalhar numa mesa de autópsias como esses cadáveres figurantes da TV.

Isto porque o Olavo tinha-se referido ao dono do apartamento como um amigo, e eu, conhecendo-lhe o tipo de amigos, havia acenado humildemente em concordância, e de todo o coração, às advertências: — Não tocas com essas patas em nada de nada, e bazas antes de o Sol nascer. O corpo ouvia e gostaria até de poder acatar as advertências da mente, tanto que pontadas de medo o percorriam de alto a baixo como marés de Inverno. Mas, manietado como estava pelo ecrã, tateou o sofá imenso, voluptuoso, cheio de botões almofadados e, malgrado tudo o resto, entregou-se-lhe como a um abismo de anjos, na certeza de um conforto extraordinário.

De imediato se irritou, porque havia repousado já sobre amálgamas de cartão e plástico que faziam melhor o trabalho. Mas lá ficou, porque passava um daqueles episódios duplos em que um dos polícias, que é também detective e cientista, se mete em apuros com um supervilhão, e a tensão cresce até parecer que não há saída. Para que a mente se entretivesse, pacificada pelas aflições alheias, o corpo ia esperneando tentando adequar-se, desbaratando aquele momento, tão raro e tão perigoso, em contendas com o sofá, *design* de luxo e *chaise-longue*, mas inclinado estupidamente para dentro e de encosto baixo. Desancava-se-me a lombar se tentava encostar a cabeça à parede, e a cervical se optasse por desencostá-la. Não fosse o episódio duplo — e a publicidade, sereia de pura voz, cega ao facto de eu me encontrar amarrado ao mastro do mais calamitoso naufrágio — e correríamos porta fora, eu, corpo e mente, para irmos aplacar aquela falta de ergonomia na cama improvisada do beco dos últimos dias. Deitar-me sobre o lado direito significava assistir à tv apenas com o olho esquerdo, a convidar à dor de cabeça, enquanto esticar-me sobre o lado esquerdo representava cingir-me ao olho direito, o míope, através do qual a televisão não passava de uma mancha alargada. Qualquer dos lados se tornava exequível se me erguesse sobre o cotovelo e apoiasse a cabeça na mão, mas esse era um ângulo estapafúrdio que derreava o pescoço e espetava adagas rombas entre as omoplatas. A tempos retomava a posição de sentado, primeiro, encostando-me e, depois, desencostando-me em qualquer dos casos torturando o entrepernas nas divisórias dos assentos, invisíveis mas rijas como aço. Regressava depois ao decúbito lateral, à esquerda e à direita, caindo de vez em quando para o fundo do assento inclinado onde as cascas dos amendoins da noite anterior se me espetavam na pele, e a partir de onde não

conseguia ver o que quer que fosse da tv. No chão estava-se melhor, apoiado nos cotovelos, apesar dos cacos de vidro do copo do serão. Só quando o cóccix se demitia, voltava eu a sentar-me no almofadado, sempre promissor aos olhos, disposto a perdoar e a esquecer desde que também o sofá fizesse a sua parte.

No intervalo, de anúncios repetidos, a mente obrigou os olhos do corpo a mirarem o fundo do pequeno corredor: não tens medo daquela porta, minha besta, que a qualquer momento se pode abrir para a dor, nossa velha irmã odiada? Mas o corpo de momento não, não tinha. Mais dorido do que antes das dez horas de sono dessa noite, entregava-se, pelo contrário, a desejos de vingança. Acotovelou e espicaçou a mente, tornando-se uno com ela, e lá fui todo eu reunido, toda esta malograda maquina de retalhos ontológicos, palpitando de entusiasmo e entregando-me por inteiro à antipatia rancorosa pelo móvel, ao inventário dos seus muitos e desnecessários erros técnicos, lá fui eu buscar uma faca à cozinha.

Desatei a anavalhar aplicadamente aquela coisa estúpida, estúpida, que era o sofá. Ah! A ira é morangos com chantili para a alma impotente. Mas a faca era inepta e tão imbecil quanto ele, por isso precisei de desistir e enfiar-lhe uns pontapés valentes a toda a volta, para lhe demolir a estrutura e fazê-lo desaparecer da face da Terra. A própria possibilidade de o amigo do Olavo entrar porta adentro e me desancar, em vez de me intimidar, deliciava-me de cólera, incendiava-me de fúria, desvairava-me de uma luxúria sanguinolenta. Está claro que as minhas canelas não seriam o instrumento de demolição mais eficaz, mas sabia-me bem sofrer assim, por algo tão definido, material, eventualmente derrotável, e as feridas da batalha só me fortaleciam até que a faca, que eu já não sabia onde estava, se me espetou em cheio na

barriga da perna. Se contra o sofá a lâmina se mostrara incapacitada, a mim trespassou-me como a manteiga ao sol.

As coisas são como as pessoas, é só apanharem-nos a jeito. Nem sequer doeu mais do que as caneladas, mas impressiona muito ver o interior peganhento e escarlate do corpo, as coisas de imediato mudam de perspectiva. Não reconciliado, mas estrategicamente apoiado, no sofá, passei a dedicar-me a destruir a faca, Judas execrável. Tentei partir-lhe o metal, e ela abriu-me na mão um lenho profundo. Lancei um urro animal, deslizei até ao chão e lá fiquei um bom bocado a esperar sobre os cacos de vidro do acidente do serão, a gemer e a chorar. Foi agradável, uma tremenda libertação.

Aquele sangue todo permitiu a Olavo inventar uma historieta que me dava como extinto, embora não o tenha isentado de levar as tais lambadas por mim. Foi para mas devolver, mas não me encontrou porque me escondi. Então passou a perguntar por mim às pessoas apregoando a coça que me esperava, como que me convidando a zarpar. Mas para onde? Recebia os avisos e ia refutando esse oráculo múltiplo a golpes de inércia, postando-me onde me costumava postar, passando nos sítios habituais às horas previstas. Imbecil, murmurava a mente triste ao ouvido do corpo medroso, por tua causa a nossa vida não passará de uma fuga eterna, um infinito gerir de danos, um constante olhar por cima do ombro.

Como Olavo nunca mais me encontrava, passei a segui-lo a certa distância. Foi então que, numa rua deserta, ele se voltou

para trás e me aplicou, algo a contragosto, a sova prometida. Depois conduziu-me um bom bocado em silêncio e, entregando-me algum dinheiro, fez-me sair num subúrbio amarelado com a indicação expressa de ir morrer longe como os elefantes.

O ar cheirava a pneus queimados. Ali pasmado no meio do mundo, contei o dinheiro, listei o conteúdo dos bolsos e a roupa do corpo até às cuecas. Esforcei-me por ostentar um ar digno e altivo, que teria envergonhado Olavo se ele ainda ali estivesse. Não era fingimento, sentia-me de facto motivado a dar início a algo novo e grande. O que me faltava era uma ideia.

De repente, lembrei-me: uma tia! E uma tia pareceu-me melhor ainda do que uma ideia. Costumava ter uma tia a viver no campo. Ir lá e convencê-la a tirar a corrente da porta pressionando-lhe o botão certo, ou seja, falando-lhe da minha mãe em tom nostálgico. Uma mentira que, embora nauseabunda, não me envenenaria a boca para sempre. Depois, entreter-me a observar-lhe os esforços para esconder as pratas e os colares, a barricar a porta do quarto durante a noite, a esconder todas as facas. Talvez tivesse um sofá decente. Talvez até — empolguei-me — guardasse ainda o relógio de pêndulo da avó.

Na sala da avó, havia um relógio de pêndulo que, de tão velho, tinha pertencido já aos avós dela. Quando o mecanismo original se avariou, veio do arranjo a retumbar o Treze de Maio a prestações num tom metálico, lancinante e afrontoso, somando um trecho a cada quinze minutos e transformando cada hora exacta na hora da morte. A avó adorava aquela relíquia familiar. Eu, pessoalmente, odiava a coisa a tal ponto que, ficando sozinho com ela, as mãos e as axilas se me faziam de imediato uma nascente viscosa, e à boca aflorava uma podridão inexplícável. Só não o desfiz numa dessas tardes penosas da infância

porque tive antes o bom senso de primeiro experimentar o palhaço de louça de cima da psiché, escavacando-o, a bem da ciência, de encontro ao chão. Uma equação simples, considerando o apego da avó e a virulência do castigo aplicado, avisou-me de que não deveria meter-me com o relógio enquanto a avó tivesse mãos e fôlego.

Mas nas tardes pesadas de tédio em que o vaivém do pêndulo e a espera pelo cacarejar beato me dominavam por completo, eu falava-lhe, ao relógio, explicava-lhe com a voz terna dos psicopatas dos filmes como um dia, indubitavelmente, ele faria parte do espólio da minha herança, e eu, teu senhor absoluto, hei-de então tirar-te da parede, as mãos trémulas de desejo, hei-de virar-te do direito e do avesso sem saber bem como começar, libertar a mesa sem pressa, hei-de fazer a coisa devagarinho e há-de saber-me a pato esfolar-te a pele, expor-te as entranhas, amputar-te rodinhas e martelinhos, tudo com uma tremenda ineficiência e certamente a ferramenta errada. Vais ver, vai demorar. Impregnava-o dessas palavras como de vermes da madeira, embaciava-lhe o vidro com os eflúvios biliars da minha mais aviltada impotência, periclitante nas pontas dos pés sobre uma cadeira bamba, como eram todas as cadeiras da casa, até a avó dar por mim e eu precisar de fugir.

Ah, a expressão nas suas ventas redondas, energúmenas e numeradas quando me visse entrar depois deste tempo todo! O plano empolgava-me verdadeiramente, dava-me uma direcção. Mas não me lembrava ao certo de qual o número do autocarro, onde se apanhava nem onde se saía para mudar de carreira e chegar lá finalmente. Também não estava muito certo do nome da terra, e era perfeitamente possível que a minha tia já não vivesse. Além do mais, pensando bem, nunca a suportei, à minha tia, aquela criatura de bata que dizia coisas como descer para baixo,

sair para fora, matar pessoas vivas, etc. Acabaria a decapitá-la até a deixar sem cabeça, e selaria com esse disparate supérfluo o fim de todos os meus erros.

Ah, o que faz um raio de sol! Embedena-nos o coração, e passamos de imediato a preferir pensamentos alegres. Afinal, não é o destino de qualquer esgoto o mar? Eu possuía ainda por cima o céu, azul, e o chão por baixo, bom para pousar os pés. E o subúrbio pode ser um belo sítio: nos lotes vagos tomados pela vegetação pastam os cavalos dos ciganos, deambulam os gatos de ninguém, cães empreendedores cheiram a trote a caminho de um qualquer assunto inadiável sem que se aviste quaisquer funcionários que os imitem. Um deles tomou interesse em mim. Passeou-me o nariz molhado pelas mãos e o melhor que conseguiu por entre as nádegas, que apertei com força. Ávido por ternura, ofereci-lhe uma coçadela que ele recebeu sem interesse, continuando a aspirar-me profundamente a todo o redor. Não precisava de me questionar sobre o que queria ele: os cães querem simplesmente tudo a que puderem deitar o dente, como a Autoridade Tributária, as carraças e as crianças. Mas eu nada possuía de interessante, e ele abandonou-me. Recusando-me, ainda assim, a entristecer, eu sacudia muito os braços ao ritmo da passada e olhava as pessoas que gozavam o sol parecendo amparar com os seus corpos as fachadas encardidas dos prédios, muito quietas. Só os seus olhos circulavam e escarravam. As pessoas:

sorriso ao imaginar o brio organizativo como se deitarão, mais cedo ou mais tarde, nos respectivos túmulos, paralelos e equidistantes. O que mais se pode fazer relativamente a elas, a não ser consolarmo-nos na certeza de que um dia morrerão? Por vezes isso basta para que consigamos suportá-las. Ainda que morram muito depois de nós nos irmos, é absolutamente certo que se extinguirão, e com eles todos os pequenos ou grandes crimes com que foram entretendo o decorrer das suas vidas. Agarro-me ao potencial da morte com o pragmatismo apaixonado com que uma doméstica preza um tira-nódoas particularmente eficaz, e sinto-a de certa forma como uma invenção minha porque, ainda que não a tenha engendrado pessoalmente, fá-lo-ia se pudesse. É a minha vingança pessoal contra tudo o que veio, tudo o que está e o que há-de vir.

Passeando ao sol, dilatava então um estado de espírito que ia do bom ao magnífico. Ah, a felicidade não tem qualquer mistério, a felicidade é o sol. Cumprimentava as árvores do passeio, congratulava-as pela exequibilidade das suas ambições, pelo vagar exemplar da sua seiva. Sempre senti possuir essa mesma preguiça basal. Planeio, na velhice, fazer-me sábio iluminado, transformar-me em carvalho e viver feliz, de braços abertos numa álea recôndita de um velho e assombrado hospital psiquiátrico, cogitando a minha fotossíntese à luz da manhã. O eventual visitante que recuse ver em mim um carvalho terá então um problema, porque eu, pela minha parte, limitar-me-ei a espriar os galhos, verde face à luz, e a alimentar-me lentamente do húmus do jardim através da sola das minhas pantufas. Se alguma criança se atrever a trepar por mim acima, parto-lhe as ventas.

Ninguém como eu, naquela rua, respirava com maior prodigalidade, pisava o chão com tão absoluta liberdade, ninguém se

estava tão retumbantemente nas tintas. Namorava o livre-arbítrio pensando: vou tocar com um dedo no nariz, e depois tocando efetivamente com o dedo no nariz. Ou então, num entroncamento, decidindo: vou enveredar pela direita, e metendo rapidamente pela esquerda, rindo desde logo das consequências cósmicas desse desacerto. Mas se desconfiava que a mudança de intenção, que eu julgara arbítrio, não passara de uma ingerência do destino que eu procurava fintar e que, na verdade, me estava a levar, papalvo, para onde ele queria, invertia rapidamente a marcha.

Nestas confusões, erodiu-se-me a paz. Há menos bebedouros nos subúrbios, mas a vontade de urinar aperta na mesma. As paredes emanam melancolia e bolor, o vento escurece as coisas. Ao anoitecer, desaparecem os cães, chove uma chuva miudinha, fica-se sujeito às emboscadas do ânimo. Cheio de irresoluções, fui-me cansando, nauseando, deprimindo e sentindo só.

Inesperadamente, deparei com uma montra de luz intimista. Vógando nela, gente que me pareceu inócua e auspiciosa, talvez capaz de convidar um solitário cabisbaixo para a sua mesa e de encorajar face à vida com palavras sábias.

Mas, a entrar, teria de correr primeiro para os lavabos, e toda a gente ia presumir que só por isso eu tinha entrado. Uma vez estabelecida, essa má opinião arranjaría forma de perdurar mesmo que, mais refeito, eu me sentasse e pedisse, então, qualquer coisa. Perpassaria pela sala, por exemplo, a convicção de que eu não teria lavado as mãos.

Poder-me-ia talvez sentar primeiro, treinado como estou à contenção, e colocar antes de mais umas moedas sobre a mesa. Isso serviria o propósito de poder usar a casa de banho um pouco depois, sem suscitar indignações. Mas e se eu entrasse e alguém simpatisasse comigo de imediato, puxando-me por um braço

para ao pé de si? E se fosse um brincalhão que contasse uma piada verdadeiramente engraçada, e se eu, convulsionado de riso, me mijasse? E se fosse gente inteligente e me fossem requeridas opiniões? O meu discernimento é idiossincrático, a minha atenção volúvel e a minha boca repulsiva. Teria de sair a correr, e a bexiga não mo iria permitir.

Afastei-me a contabilizar todos esses obstáculos, tão ilusórios quanto inflexíveis. A despeito de a chuva ter recrudescido, a vontade de urinar decresceu um pouco. Abaixo do equador de um corpo, de resto, hedonista, carrego uma bexiga verdadeiramente espartana.

Como todos os homens, torno-me, por vezes, filho do medo da noite. Está-se mal sem uma caverna, sem o calor de uma fogueira e de outro alguém que nos faça companhia e que, em caso de ataque, corra de forma ligeiramente menos célere do que nós. Pensei então com seriedade, aplicadamente: como fazer um amigo? Se ainda conseguisse pagar renda por aquele quartinho, poderia, em teoria, convidar alguém a aparecer e oferecer-lhe um chá em chávena limpa, estender-lhe o pacote das bolachas, um verdadeiro guardanapo — nada de papel higiénico! —, partilhar palavras animadas, falsas e balsâmicas, ou um silêncio a dois. Quem quererá ser meu amigo, quem ficará bem a meu lado numa fotografia para a posteridade? Um semelhante, um infeliz, um antropófobo arredo, tímido e ostracizado, secretamente precisado de companhia humana. Alguém que me repudiasse no início, só para mais agradecido ficar face ao meu insistente e incondicional afecto. Resumindo, alguém a quem doesse fundo um coração confuso, tal como o meu a mim. Onde encontrá-lo?

Deambulava, ao tecer estas considerações, e acabei por encontrar o local preciso como um xis num mapa. Rodado de

prédios bombardeados por décadas de abandono e cagadelas de pombo que nem a chuva nem a noite conseguiam lavar ou ocultar, numa rua plana e sem qualquer sensação de elevação, surgia muito inesperadamente uma abertura abrupta entre prédios a dar para o vazio, ou mais precisamente para um pedaço de betão de um parque de estacionamento muito lá em baixo. Um sítio gradeado mas de balaustrada velha, baixa, a convidar. Uma placa a dizer «suicidem-se aqui» não faria melhor.

Percebi de imediato que, mais cedo ou mais tarde, alguém apanhado no fogo cruzado entre as reivindicações e a indiferença do mundo pararia ali, algum ferido agarrado às vísceras da alma deixar-se-ia surpreender e hipnotizar por aquela enfermaria a pique, aquela oportunidade tão óbvia. E no tempo que ele levasse a hesitar e a despedir-se de si próprio, espalhando uma creolina de última hora sobre a merda da existência para ver se ainda mudava de ideias, sairia então eu das sombras de braços abertos, chamar-lhe-ia irmão, diria: vamos continuar a viver e a sofrer juntos, que sempre se sofre melhor! E seguiríamos, acompanhados, pela vida.

Medi o frio, que não era muito, testei nos olhos a chuva, que não magoava o suficiente para obrigar a fechá-los. Sabia que as tempestades e outras tribulações tendem a espicaçar a coragem para as coisas da vida, e que as calmarias ajudam ao destemor e ao ânimo para as da morte. Era uma noite equânime, e, portanto, incerta na espera pelo meu amigo.

Plantei-me imóvel do outro lado da rua sob o halo negro de um candeeiro sem luz. Passavam poucos carros, menos gente ainda, e aos que passavam, via-lhes o regular olhar de infelicidade dos viventes, mas distraídos e erroneamente serenados pela cálida luz de um ecrã. Assim se arruinam eras de evolução a inculcar

em todas as criaturas ponderadas o salutar receio da escuridão e do estranho que ela pode ocultar.

Ninguém parecia atraído ou desafiado pela voragem entre os prédios. Como não, pasmava eu, se ali está o esquecimento, tão fácil e à mão de semear? Se nunca mais uma ciática ou um bico de papagaio, nunca mais um formulário das finanças, uma montra de talho, nunca mais uma pontada de culpa ou uma agulhoada num rim ou num dente? Como passariam as pessoas os dias, sem ao menos ponderarem o consolo, tão viável, da possibilidade de se matarem? Como se falseia tão eficazmente um propósito a ponto de andar por aí na vida sem sopesar a hipótese de sair dela? Sonhariam, ao invés, cometer um crime?

O corpo começava a inquietar-se, sentia finalmente frio, ganhava medo e cosia-se mais à humidade da parede. A bexiga, essa sim, ameaçava suicídio. De vez em quando punha-me de cócoras, corpo e mente de mãos dadas a lançarem ganidos de alma. Depois o aperto decrescia e a mente prosseguia, sonâmbula, no seu devaneio. Pareceria o precipício menos apetitoso aos outros do que a mim? Ser-lhes-ia a vida, em geral, mais suportável? Seriam eles menos sensíveis, ou mais submissos à perversidade das coisas? E em qualquer dos casos, onde estava o meu amigo? Almejava-o com a esperança infundada e temerária com que uma mulher deseja um filho.

Apesar de o corpo puxar já a mente pela manga num desespero aberto, eu, por ele, pelo meu futuro amigo, atravesssei a rua a correr a caminho do halo de luz e, escapando por pouco a ser colhido por um carro que apitou estridentemente, apoiei a pélvis na parte mais baixa da velha, derrocada e algo podre balastrada. Assim suspenso, prestei aguda atenção ao enigma da sua ausência viva, às coordenadas da esperança na sua chegada.

A balaustrada cedeu um pouco, rangendo. Arranquei um cabelo que, iluminado pela luz trágica do candeeiro próximo, me olhou estarecido antes de se despenhar em câmara lenta, com dramatismo cinematográfico. Então, o candeeiro do parque de estacionamento apagou-se, tímido ou contrariado com a minha presença, e o betão fez-se um cosmos sem estrelas. Fiquei como que à varanda do infinito, espoliado de signos. Apenas uns pontilhados de luz aqui e ali, faróis cadentes varrendo pedaços de noite e desaparecendo. Sim, não era impossível que eu me equivocasse: o mundo é uma bola grande, e se tantas coisas nele são possíveis, nem todas têm de ser más. Se eu pensava assim nessa noite, chances havia que o meu amigo se iludisse da mesma forma num qualquer outro lugar daqueles arrabaldes. Ou talvez tivesse, como eu, sono, e se prestasse a um julgamento dormente sobre a existência.

Perceber que ele não viria fez-me sentir mais triste e mais só. Então vi-o, de cabeça para baixo por detrás da metade inferior do meu corpo, olhos listrados pelas grades da balaustrada.

— Não faça isso! — disse para o meu traseiro.

Houve qualquer coisa no tom. Ademais, o pescoço vivia naquele momento uma epifania que não me apetecia terminar de imediato: crepitava como longínquo fogo-de-artifício e libertava-se de constrições às quais eu nem sabia estar sujeito. Mas foi sobretudo o tom. Isso, e o facto de o homem me desatar a puxar.

— Ó senhor! Olhe que temos de viver, já viu se nos fôssemos todos a matar? Depois como é que era? Vá. Deixe-se deslizar devagarinho para a posição de joelhos.

Havia já algum tempo que a chuva caía a bom cair, os canais de escoamentos principiavam a entupir-se e os pés submersos constituíam o limite da minha associação consensual com

a açorda de escarros que obviamente se teria aglomerado ali. Respondi-lhe que não.

O homem zangou-se. — Faça o que eu lhe digo!

Voltei a responder-lhe que não.

— Oiça-me com atenção: ponha primeiro um joelho no chão, depois o outro.

Neguei pela terceira vez. Foi então que ele me empurrou as dobradiças dos joelhos com o vigor das próprias rótulas, fazendo-me afundar até às coxas na sarjeta gélida e grumosa, e me pousou no ombro a mão, pesada de fraternidade.

— Então, não queria pôr-se de joelhos?

Disse-lhe que não.

— Pois agora está de joelhos, não está?

Disse-lhe que sim. De facto, estava.

Largou-me, satisfeito e ordenou-me. — Levante-se!

Respondi-lhe que não.

— Olhe, não me chateie.

Tentou erguer-me pelos sovacos, mas eu era uma excalibur fundida na decisão pétrea de me não deixar urinar, apesar de tudo, o que exigia, no momento, total imobilidade. Ele, a bufar, pernas afastadas, um pé no lancil carcomido da balaustrada e outro num ponto mais ou menos seco, acocorou-se para me ver de perto.

Também eu pude vê-lo melhor: aquilo não era um amigo, tinha gravata. Esse trapo de seda inútil encima sempre roupa cuja lisura e assepsia só se consegue à custa das mais cretinas deslealdades contra o próprio ser, como o negar das nádegas a um degrau apetecido, o recusar as vértebras a um pedaço de relva, o andar a braços com a tutela dos vincos das calças, desautorizado de usar a fralda da camisa para ajudar a abrir a tampa de

um frasco ou secar uma lágrima, continuamente a auscultar a saúde dos tecidos. Trata-se de gente capaz de eutanasiar um casaco fofo e quente só por vê-lo descolorido ou com borbotos. O que veste um amigo não sei, mas uma amizade é algo que requer que se arregace as mangas e as bainhas das calças, há, por vezes, que remexer no fundo das fontes pelas moedas recobertas com o verdete dos desejos já cumpridos para uma refeição a dois. De todas as empreitadas, afãs e incumbências idiotas deste mundo, o ser aperaltado é das mais inanes e fastidiosas. Eu, pessoalmente, estava farto dele apesar de o olhar havia apenas alguns segundos. Pus-me laboriosamente de pé, torturado pela bexiga globular e tumefacta.

– Venha. Vou pagar-lhe o jantar. — Tinha-me agarrado o braço.

O meu estômago lançou um milenar uivo de fome e relento.

– Um bife grande com ovo a cavalo, e uma bela pratada de batatas fritas. Hã?

Uma autêntica ostra incrustada na rocha da filantropia protocolar. Recuperei o braço de repelão e saí a fugir pela noite brandindo a minha liberdade, a minha solidão.

A latrina surgiu quando e onde eu já não a esperava. A porta estava arrombada e empenada: é o que dá tentarem interpor ferrolhos entre nós e as nossas aspirações mais íntimas, mais viscerais. Por vezes, na iminência de as satisfazermos, hesitamos longamente e, quando finalmente acontece, é apenas dor o que

sobrevém. Alívio também, mas sobreposta a ele a dor, e um vazio maior do que o habitual.

Pode e deve rezar-se em toda a parte, menino, Deus não está contido nas paredes da igreja, costumava explicar pedagogicamente a avó. E eu, no devaneio fácil de uma manhã de Verão, abrindo os braços, esticando o pescoço para o alto e tentando capturar com a língua imateriais emanções, pequenas nébulas de sagrado, urinava do alto de um penhasco, produzindo um contínuo e firme arco dourado que se erguia e curvava no azul do céu, e se tornava verde antes mesmo de descer sobreposto ao longínquo arvoredo. Terei inventado este urinar panteísta? Porque, hoje, nem morto consigo fazê-lo ao ar livre. Como em tudo o que provém do âmago, a sensatez não é para aqui chamada, e uma verdade alheia à razão ocupa com naturalidade o seu lugar incontornável no nosso ser.

Face ao ecumênico aperto da onnipresença, outorgo ao espaço oval de cada sanita e urinol o conspícuo e tranquilizante dom da dessacralização. Nele repousei e adormeci.

Tendo dormido com o traseiro dessa forma suspenso no nada, acordei para um formigueiro que ia do cóccix aos pés ausentes. Dei uns saltitos para recuperar o sangue, de novo urinei, defeguei e bebi uns largos golos de água ferrugenta. Depois titubeei uns passos na rua deserta. Como senti que o ânimo ameaçava a volúvel circularidade do dia anterior, decidi ali mesmo procurar a constância e o esclarecimento na posição de flor-de-lótus. Sentei-me na beira do passeio, encaixei os joelhos nas axilas e tentei visualizar o infinito na sarjeta em frente.

Os pensamentos, que não podia evitar e que procurava aceitar como meras nuvens de passagem na cúpula da minha mente, convergiam todos na impressão incómoda de que aquilo em que

pousara aleatoriamente os olhos era o corpo de um pequeno animal morto e não o farrapo encardido que julgara de início.

Então, uma velha carrinha de passageiros parou a alguns centímetros de me atropelar. Assim que o motor se desligou ergueram-se vozes, humanas, irritativas, insuportáveis.

Ainda que sem mover um músculo, passei da meditação à fúria num piscar de olhos. Sei-me demasiado vulnerável, uma pobre criatura sem pele, mas o que fazer com essa informação? Um desconhecido no metro a embater o tacão de encontro ao chão ou de perna cruzada a balouçar a tibia numa elipse infinita detém infelizmente sobre mim, sem o saber, um poder absoluto. No minuto transcorrido entre o início do seu pendular e a minha fuga na estação seguinte, desforro-me, na imaginação, das mais celeradas maneiras, e sofro assim uma agonia dupla, o martírio da vítima e a exaustão do carrasco na sua complexa, laboriosa e sôfrega criatividade.

Aquela gente falava aos berros. Para que a supressão de oxigénio me ensurdescesse, travei a respiração, rilhei os dentes, inflei as bochechas. Quando não aguentei mais, exalei e toda a gente se calou. Alguém contornou a carrinha e deu comigo. A insignificância é um poderoso manto de invisibilidade, mas parece funcionar apenas quando queremos ser vistos.

— Está aqui! — berrou o alguém, apontando-me. — Esteve aqui o tempo todo, estava a gozar connosco. És o Ernesto — perguntou, debruçando-se sobre mim, de óculos.

Lá porque eu não gosto de pessoas não que dizer que não seja exímio na arte de me relacionar com elas, se a necessidade se apresenta. Posso uma espécie de catálogo de circunstâncias padrão e respectivos comportamentos axiomáticos que nunca me deixam ficar mal. Nas situações incaracterísticas e não

catalogadas como aquela, basta simular a distração dos apaixonados, pôr os olhos num ponto atrás de tudo o que se vê, e não os tirar de lá aconteça o que acontecer. O tipo a insistir uma e outra vez se eu era o Ernesto, e eu nada, e os olhos que me recusava a piscar iam vertendo lágrimas de protecção contra a insondabilidade da ocorrência.

Subitamente, o dos óculos perdeu a paciência. — Ajudem aqui! — ordenou. Tocaram-me todos ao mesmo tempo, encostando as suas mãos estranhas ao meu corpo tão pessoal, e era uma sensação difícil de definir por serem tão raras as vezes que me tocavam com as palmas e não com os punhos ou as biqueiras. Todos eles riam com gosto. Face à humilhação, não mover um músculo que seja. Assim, permaneci de costas curvadas e joelhos nos sovacos, esquecido de respirar, deixando-me arroxear pouco a pouco ao ser carregado como que num espeto.

— Bem me tinham avisado que o tipo era um bocado maluco — gemeu o dos óculos.

Pousaram-me na carrinha, mas não senti que com isso me devolvessem a mim mesmo. Tudo o que possuía era a minha recusa, integral e hirta. Aferrei-me a ela, deixei-me estar. Só que eles não queriam saber em que posição me encontrava. A carrinha arrançou, e todos me falavam ao mesmo tempo do plano. Não do conteúdo descrito de um plano a apreender, mas do plano como coisa sobejamente conhecida e rematada, ao qual se aludia com crípica familiaridade. Não sabia do que falavam. Acotovelavam-me sobre ele, o plano, e eu ia amolecendo para poder acotovelá-los de volta, ia transigindo contra mim mesmo através da plasticidade dos membros. Desdobraram o tal plano feito papel no meu colo, e vi polígonos ligados entre si por setas a tracejado.

— Fala — instaram-me.

Olhei para o papel com toda a atenção de que era capaz e levei o meu tempo. Havia muito que não me obrigava àquele exercício tão moroso e vão de, frente a uma coisa, fazer o inventário das opiniões que se pode ter sobre ela, escolher uma entre tantas outras, catar por entre as palavras que existem as que poderiam servir para dar forma a essa tese, passá-las pela peneira da máscara que se nos cola à cara de momento, e debitá-las num tom que vá com o resto.

Por fim, apontei a tentativa patética de um pentágono e disse que aquilo não devia estar ali. Disse-o porque, calculando mais ou menos o produto do semiperímetro pelo apótema de cada uma das figuras geométricas, cheguei a um valor de área que aproximadamente se repetia nas várias formas excepto naquela figura torta, muito menor. E mais convicção senti ao recusar a legitimidade da presença de um triângulo, fundamental alusão a todas as tríades, o início, o meio e o fim, o corpo, a alma e o espírito, que me emociona sempre que o vejo, e que ali, sobre uma mancha de gordura da folha amachucada, não estava a fazer nada.

Levei nas costas uma sonora e dolorosa palmada de apreço pela opinião. — Exactamente o que eu lhes disse! — concordou o dos óculos remexendo-se muito na cadeira. — Se a explosão não faz estragos, ainda se ficam a rir.

— Mas é o único local em que temos a certeza de que não mata ninguém — disse a mulher.

— A questão é: para acedermos a outro local que não o definido, tínhamos de improvisar, o que já se sabe que dá asneira — ponderou lentamente o circunspecto.

— Qualquer outro sítio é de muito mais difícil acesso — voltou a mulher.

— A questão é que aqui o Ernesto manda e, se ele quer complicar as coisas, então as coisas complicam-se — apoiou-me o dos óculos namorando e acariciando o papel. Depois fê-lo rodar a favor e contra o sentido dos ponteiros do relógio como que para mostrar que aquilo do plano tinha peças móveis, era flexível.

— Então onde porias a coisa? — perguntou-me após um momento em que o silêncio era quebrado apenas pelas suas pestanas perscrutadoras a arranhar o vidro dos óculos no desespero de me ver a alma.

Aqui, disse eu, desta vez sem ter praticamente de puxar pela cabeça, porque disponho de uma noção milenar e sempre actual, filha da cisma humana na simetria e na arrumação, e desenhei com o indicador o círculo, linha curva fechada, perfeição sem quinas, génese na retorta, mandala da roda do tempo, pólo secreto seduzindo e amedrontando os homens, lembrando a grande explosão, ameaçando a grande implosão, no centro exacto do universo da página.

Perpassou entre eles um burburinho. A mulher desdobrou um outro papel, comparou-o com este onde repousava o dedo e retorquiu: — És louco. Aí são os escritórios e estão a fervilhar de gente. — Trocou olhares com o circunspecto que sacudiu consternada e negativamente a cabeça e que, por sua vez, questionou silenciosamente o dos óculos.

— Não, realmente não pode ser — decretou este melancolicamente, desprendendo os óculos de detrás das orelhas, esfregando os olhos como que para refrear a libido das pestanas e devolvendo-os depois à cara. Encolheu os ombros e explicou: — Simplesmente não estamos preparados para esse tipo de operação.

Ficaram em silêncio, de mãos estendidas para a lareira extinta do entusiasmo. Fui eu a quebrar o silêncio.

«Namorava o livre-arbítrio pensando: vou tocar com um dedo no nariz, e depois tocando efectivamente com o dedo no nariz. Ou então, num entroncamento, decidindo: vou enveredar pela direita, e metendo rapidamente pela esquerda, rindo desde logo das consequências cósmicas desse desacerto. Mas se desconfiava que a mudança de intenção, que eu julgara arbítrio, não passara de uma ingerência do destino que eu procurava fintar e que na verdade me estava a levar, papalvo, para onde ele queria, invertia rapidamente a marcha.»

Camaleónico, esquivo, errante, o Santo Ilusionista, protagonista deste novo romance de Cláudia Andrade, é um vagabundo em fuga (ou em busca?) do seu passado. Incapaz de se fixar num único lugar, a sua vida é feita de encontros episódicos e de aventuras sucessivas, nas quais, como um espelho invertido, veste a personagem que os outros procuram nele para a sua felicidade ilusória: assim, tanto é o amigo que precisa de ajuda altruística, como o líder impassível que faltava para orientar uma ação violenta, o marido e pai improvisado de uma família desajustada, ou o peregrino depois transformado em mediador de conflitos conjugais. Criatura de mil rostos e nenhum, perdida no seu próprio abismo e que encontra repouso no vazio, sem querer, vai compondo um retrato mordaz de outras tantas mil vidas.

«Há já muitos anos que na Literatura portuguesa não aparecia uma voz tão forte.»

Público



Penguin
Random House
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt
  penguinlivros

ISBN 9789896237226



9 789896 237226 >